

# ESTA SEMANA

ARTES PLÁSTICAS | Roberto Pontual

Embora apenas através de atividades no MAM, a semana no Rio promete revigoramento substancial em relação às anteriores. Naquele museu, a partir de agora e durante o mês de março, o público disporá de um panorama diversificado da arte brasileira, do modernismo aos dias de hoje,

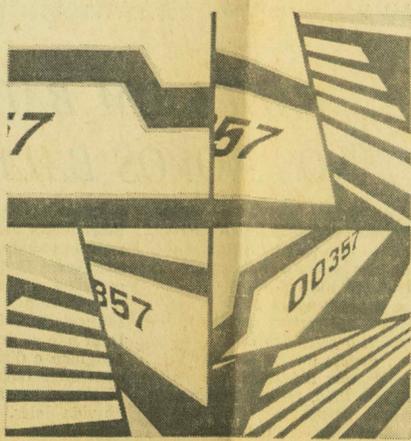
em dois níveis distintos: o primeiro, com obras de seu acervo e outras especialmente desejáveis para constituir-lo, fixando as tendências e os artistas básicos para a compreensão desse período; o segundo, com o VII Salão de Verão, promovido em conjunto pelo JORNAL

DO BRASIL, MAM e Light, oferecendo um corte transversal no qual é hoje a arte brasileira mais jovem e emergente. Tendo, assim, todo o seu espaço de exposições preenchido, raras vezes se viu em um museu carioca essa amplitude de amostragem da arte que se produziu e se produz no país.

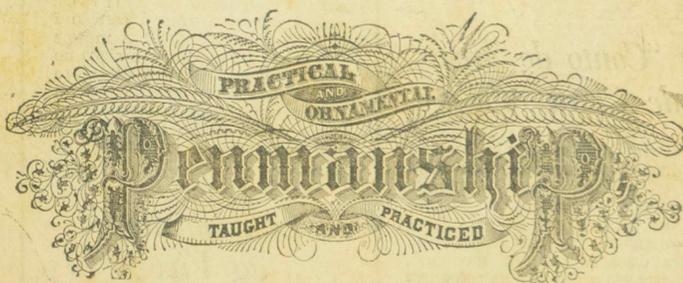
## CIRCUITO NACIONAL



De Ismael Nery (Figura / óleo sobre papelão / 1926) a Raimundo Collares (Trajetórias / esmalte sobre compensado / 1968), um percurso da arte brasileira no século XX. Ambas as obras, pertencentes ao acervo do MAM, serão mostradas na exposição que ali se inaugura no dia 25



## CIRCUITO INTERNACIONAL

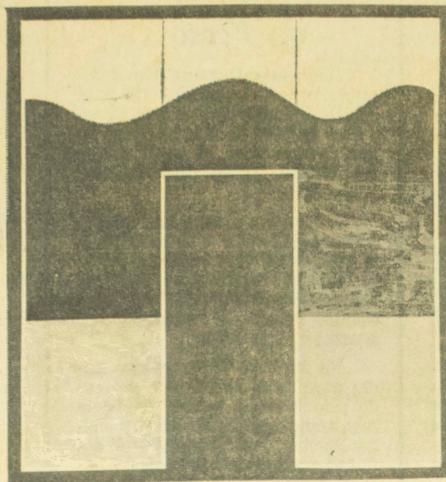


A caligrafia revisitada no Museu da Arte Folclórica Norte-Americana

Chega-me agora às mãos o catálogo rico de informação e graficamente irrepreensível da retrospectiva do nosso Almir Mavignier, realizada no Kunstgewerbemuseum, de Zurique, ao final do último ano e princípio deste. A mostra reuniu 245 trabalhos, entre pinturas (a partir de 1945), serigrafias, cartazes, objetos e cenários. Como se sabe, Mavignier foi um dos vários artistas brasileiros residentes no exterior que estiveram de volta entre nós em 1974, expondo então individualmente na Galeria Bonino.

Outro catálogo que também chega é o da mostra 35 Gravadores, apresentada em fins de 1974 no Museu de Belas-Artes de Caracas, com artistas do Brasil (Anna Lyticia e Ruth Bessoud Courvoisier), Chile, Colômbia, Equador, EUA, Guatemala, Holanda, Itália, México, Peru, Porto Rico e Venezuela.

Duas novas mostras de artistas brasileiros estão programadas para o mês de março, na Europa. No dia 7, no Museu da Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa, Norberto Nicolá e Jacques Douchez realizam exposição de suas formas tecidas mais recentes, feitas no atelier de São Paulo. E, no dia 13, será a vez de Frans Krajcberg abrir individual de suas últimas esculturas e gravuras (feitas em sucessivas temporadas no litoral baiano, ao longo de 1974), no Centre National d'Art Contemporain, de Paris.



TUNEU / tinta acrílica sobre tela / 1974

## ACERVO BRASILEIRO NO MAM

A cada museu, conforme seus objetivos e disponibilidades, compete uma dupla tarefa: a de preservação e a de dinamização da atividade criadora. Mas, nas condições atuais do mercado de arte no Brasil e da inexistência de um espírito comunitário disposto à política sistemática da doação, a primeira dessas tarefas está se tornando dia a dia mais difícil, mesmo impraticável. O preço das obras desejáveis e a carência de recursos para adquiri-las se somam e conferem aos nossos museus um caráter quase estático no que tange à captação, conservação e amostragem periódica do que se criou e se está criando agora, aqui e no estrangeiro.

O fato é que, com raras exceções, os museus brasileiros de arte têm incorporado relativamente pouquíssima coisa nova às suas coleções permanentes, nos últimos anos. Dentro de um sistema de aquisição, parece-me que um dos únicos a manter projeto profundo e continuado tem sido o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, com um fundo que lhe permite inclusive comprar obras estrangeiras significativas exibidas nas bienais paulistas. O Museu de Arte Moderna de São Paulo também tem visto crescer pouco a

pouco o seu acervo, mas não com peças adquiridas, e sim doadas não compulsoriamente pelos artistas convidados a participar da sua promoção anual Panorama da Arte Atual Brasileira.

Neste sentido, o Rio está menos bem dotado, sobretudo no que se refere à arte produzida no Brasil desde o advento do modernismo, na década de 1920. Ao visitante carioca, de outros Estados ou estrangeiro, os nossos dois Museus verdadeiramente ativos nesse âmbito — o Nacional de Belas-Artes e o de Arte Moderna — não têm como apresentar um panorama razoável das correntes que deram e dão corpo a esse período. Como a tarefa de propiciar tal panorama lhe está, pela própria razão do nome, mais afeta do que a qualquer outro, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro resolveu transformar em um dos pontos básicos de sua programação para 1975 o uso conveniente e o necessário acréscimo criterioso de seu acervo brasileiro.

Assim, na próxima terça-feira, dia 25, às 18h 30m, ali estará se inaugurando a mostra Arte Brasileira / Acervo do MAM, constituída de trabalhos de cerca de 90 artistas representativos da diversidade de tendências que vieram

marcando a nossa arte nos últimos 50 e poucos anos, alguns dos quais representando as correntes mais novas, em pleno circuito no momento. Por uma questão de sistematização (compensada pela feliz coincidência de que mais ou menos no mesmo período o Museu Nacional de Belas-Artes estará apresentando a mostra Instituto e Criatividade Popular), excluiu-se dessa exposição do acervo brasileiro do MAM que agora se anuncia apenas as manifestações relacionadas às artes populares, primitiva e ingênua, que serviram de tema para uma outra mostra, ainda este ano, naquele museu, em moldes idênticos aos da que estou aqui comentando.

Para concretizá-la, o MAM se valeu de uma relação preparada por sua Comissão de Planejamento Cultural, indicando um certo número de artistas que, no conjunto, pudessem dar uma visão adequada do período. Parte das obras incluídas na mostra já pertencem a seu acervo; mas muitas delas, solicitadas aos próprios artistas, a colecionadores e a galerias atuantes no Rio, ali estarão à venda para necessária e imediata doação ao museu, segundo projeto que terá continuidade e aprofundamento.

## A ABERTURA DO VII SALÃO DE VERÃO

Pelo número de inscrições feitas até o final da última quinta-feira, quando escrevo esta coluna — cerca de 600 — já se pode prever a superação substancial dos níveis quantitativos de artistas concorrentes alcançados nos salões anteriores. Vindos não só do Rio, mas também de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Brasília, Bahia e Pernambuco, seus trabalhos estão passando desde ontem pela análise de uma comissão julgadora, a quem competirá também a concessão dos prêmios já anunciados, sob o patrocínio do JORNAL DO BRASIL, da Light e de um doador anônimo.

A comissão agora tornada pública é constituída dos críticos Márcio Sampaio (responsável pelo setor de artes visuais do Palácio das Artes, em Belo Horizonte), e um dos dois críticos que a Bienal Nacional de São Paulo enviou a todos os Estados para a seleção dos artistas componentes de de sua mostra em fins de 1974), Olivio Tavares de Araújo (ativo especialmente na revista Veja, a partir de São Paulo) e este colunista, bem como do pintor Antônio Maia e do pintor e professor Sérgio Campos Mello. Buscou-se conferir representatividade razoavelmente nacional à comissão, dotando-a

também de pelo menos um membro conhecedor direto da prática cinematográfica (o Salão de agora abrange pela primeira vez o super-8 e o vídeo-tape), já que Olivio Tavares de Araújo tem atuado nessa área, inclusive com o filme premiado sobre a obra de Farnese de Andrade. Espera-se que os trabalhos de seleção estejam concluídos até amanhã. Diferentemente dos anos anteriores, os prêmios só serão revelados no momento da abertura da mostra, que ocupará todo o salão principal de exposições do MAM. A inauguração está marcada para as 18h 30m da próxima sexta-feira, dia 28.

\*\*\*

Acompanhando a exposição de xilografuras japonesas, que se inaugurou quinta-feira passada no Museu Nacional de Belas-Artes (Av. Rio Branco, 199 — GB), o Consulado-Geral do Japão no Rio está patrocinando desde ontem uma série de apresentações de filmes sobre a arte japonesa, em programas aos sábados e domingos, às 16 horas, e às terças e quintas-feiras, às 14 e 16 horas. Dos três próximos programas constam: hoje, Ukiyo-e (Estampa Japonesa), Arquitetura Moderna do Japão e Família Imperial; terça-feira, dia 25, Jardins do Japão e Ikebana; e quinta-feira, dia 27, Arte Viva do Japão, Arte Medieval do Japão e Folguedos Infantis. A série se estenderá até o dia 9 de março, sempre no auditório do MNBA.

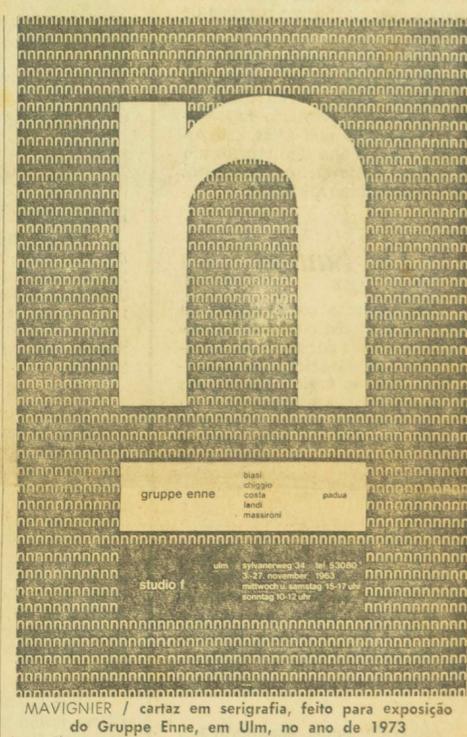
Reinticiando suas atividades em 1975, a Galeria Bonino (Rua Barata Ribeiro, 578 — GB) apresenta no momento uma exposição selecionada de obras do acer-

vo, entre as quais estão peças de Antônio Bandeira, Milton Ducosta, Djanira, Di Cavalcanti, Guignard, Raimundo de Oliveira, Ivan Serpa, Anita Malfatti, Volpi, Vanda Pinheiro, Newton Rezende e Cybele Varela. Duas das próximas individuais dessa mesma galeria serão as do paulista Antônio Henrique Amaral, recém-chegado de estada de dois anos em Nova Iorque, e de relevos em madeira de Joaquim Tenreiro.

Na linha de ativação da jovem arte brasileira, que foi uma de suas marcas de 1974, a Galeria Arte Global (Alameda Santos, 1.893 — São Paulo) inaugurou na terça-feira passada a individual de desenhos e pinturas de Tuneu (Antônio Carlos Rodrigues). Nascido em São Paulo, 1948, seu trabalho vinha se caracterizando até pouco tempo atrás — inclusive no 9º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, de que participou como convidado — por uma disposição de equilíbrio de linhas, retas ou curvas, com lon-

ginqna, mas presente conotação sintética de paisagem. No entanto, nas obras de agora novos elementos estão emergindo, como a presença de áreas não inteiramente brancas ou cobertas de cores chapadas.

Uma exposição aguardada com grande interesse, e que estará se inaugurando no Museu de Arte de São Paulo nos próximos meses, é a que o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque preparou sob o título de Cor, para percorrer algumas cidades da América do Sul, com obras de seu acervo e de coleções particulares norte-americanas. A mostra abrange os principais artistas que têm lidado substancialmente com o tema na arte internacional do segundo pós-guerra. No momento, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro está em entendimentos com o seu congêneres nova-iorquino para que a exposição possa ser oferecida também, depois da apresentação em São Paulo, ao público carioca. Por sua amplitude e atualidade, ela vale o esforço.



MAVIGNIER / cartaz em serigrafia, feito para exposição do Gruppe Enne, em Ulm, no ano de 1973

Na Galleria d'Art Italo-Brasileira, de Milão, a brasileira Isabel Braga inaugura no dia 25 uma individual com pinturas que dão sequência à sua temática da paisagem capixaba, tratada em termos de ingenuidade e lirismo. Ela foi um dos artistas premiados na mostra internacional Presença 74, que se realizou há pouco no Museu Nacional da Ciência e da Técnica, de Milão.

Nessa mesma área, permanecerá aberta até 31 de março, em Zurique, uma ampla mostra internacional de 400 obras de 120 ar-

tistas ligados ao primitivismo e ingenuísmo. Em número recente do *Le Figaro* (do dia 9 passado), um artigo resalta a continuidade da moda, na Europa, desse tipo de atitude em arte. A referida mostra se completa com um conjunto de ex-votos, obras anônimas e pinturas de crianças.

Extremamente bem cuidada, de um ponto-de-vista da amostragem e ambientação, é a exposição em torno do tema Caligrafia, que o Museu da Arte Folclórica Norte-Americana apresenta até 23 de março próximo. Dela fazem parte manuais populares do ensino da escrita, diplomas, desenhos, envelopes, certidões, insígnias, poemas gráficos, alegorias, etc.

O New York Cultural Center programou duas importantes mostras para os meses vindouros: *Ilusão e Natureza na Arte* (pesquisando maneiras através das quais o olho pode ser enganado pela natureza e a arte) e *O Nu na Arte Norte-Americana*, com mais de 100 pinturas e esculturas do século XVI aos dias de hoje. Na ocasião, William Gerdtts, responsável pela mostra, estará lançando o seu livro *The Great American Nude*.